

AS TIC NO CURRÍCULO ESCOLAR: A CONTRAPARTIDA ESCOLAR

Lílian Kelly de Almeida Figueiredo – UNEAL

Ivanderson Pereira da Silva - UFAL

Resumo

Este estudo tem como principal objetivo evidenciar a necessidade de que novas práticas didático-metodológicas com o uso das mídias e tecnologias nos espaços de aprendizagem favoreçam a ação dos alunos, tendo em vista, a construção do conhecimento. Baseia-se na reflexão acerca do cenário atual, da inserção das TIC e integração das mídias ao currículo escolar, o papel do professor e do aluno diante deste cenário e das relações entre estes atores em práticas pedagógicas mediadas pelas TIC. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa do tipo exploratório tendo como método de investigação o estudo de caso. O caso analisado é o de uma experiência de implantação de uma web-rádio no currículo e nas práticas pedagógicas desenvolvidas em uma escola pública alagoana. Como resultados deste estudo, conclui-se que desde a formação inicial de professores e para além dela, deve-se trabalhar o emprego de metodologias que favorecem exatamente a autoria dos alunos e a formação de sujeitos autores na prática.

Palavras-chave: integração das mídias, currículo, tecnologias da informação e comunicação

1. Introdução

Desde a década de 1980 temos presenciado uma acelerada revolução tecnológica que, ao passar dos anos, tem demandado um novo perfil de profissional para atuar no mercado de trabalho. Esta nova exigência mundial corroborou para que, na escola, a maneira como vinha sendo conduzido o processo ensino-aprendizagem fosse mais fortemente questionada. Esse questionamento dizia respeito às necessidades de desenvolvimento de competências para trabalhar com as mais diversas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), bem como acompanhar a crescente velocidade com que novos mecanismos tecnológicos são criados.

Como reflexo desta nova ordem, as escolas começam aos poucos, a implementar recursos tecnológicos e a incentivar os professores a utilizá-los em suas práticas. Isto acontece porque aqueles que nasceram em meio a esta revolução tecnológica, têm outras expectativas com relação à escola. Não faz mais sentido se deslocar de sua casa para ouvir as preleções dos professores, por vezes descontextualizadas, se através da internet, na comodidade do lar, pode-se acessar

um vídeo transmitido em tempo real, o qual faz tão bem ou até melhor do que faria o professor tendo em vista condições em que se encontra a maioria das escolas.

Mas, se por um lado, a presença das TIC no cenário escolar se faz necessária para atender as expectativas dos estudantes e o movimento do mercado; por outro, somente isto, não representa nenhum ganho significativo, do ponto de vista da aprendizagem. Muitas escolas particulares, na tentativa de atrair mais alunos (clientes), divulgam suas "marcas" com o slogan de são "interativas", "tecnológicas", "modernas", "atuais", pelo simples fato de disporem de laboratórios de informática, equipamentos eletrônicos de vigilância, ou qualquer outro dispositivo *hi-tec*.

As TIC favorecem o encurtamento de distâncias geográficas, o repensar do tempo, a transposição de barreiras linguísticas, a aceleração das mensagens e a fluência das informações, quando bem utilizadas. Para aqueles que nasceram antes da emergência deste novo cenário tecnológico, pensar a gestão das TIC e seu implemento nos diversos setores da sociedade civil organizada é complexo, mas para aqueles que são contemporâneos deste avanço ou que nasceram neste contexto cibercultural, desenvolver competências para o uso eficaz das TIC em suas diversas atividades diárias, no trabalho e na educação, é não apenas importante mas extremamente fundamental e decisivo.

O desafio não está em ensiná-los a utilizar os mecanismos tecnológicos e midiáticos que emergem dia-a-dia, pois isto eles já fazem muito bem; o verdadeiro desafio está em ensiná-los a utilizar bem, tais recursos e cabe à escola apontar direções de uso das TIC que favoreçam a construção do conhecimento. Desta forma, deve-se não apenas favorecer o desenvolvimento de competências específicas de cada uma das disciplinas do currículo, mas orientar esta sociedade que se organiza, tendo em vista a necessidade de desenvolver competências para gestão das TIC com consciência cidadã.

2. Inserção das TIC ao currículo

As inovações tecnológicas têm implicado em transformações nas mais diversas áreas, não diferente, no contexto educacional elas têm permeado com muita rapidez, configurando um novo cenário para o processo de ensino e aprendizagem escolar. Estas inovações decorridas da grande revolução tecnológica que se processou nas últimas décadas se desvelam na configuração de novas formas de interação favorecidas pelas potencialidades das mídias e sobretudo, pela Internet, se

caracterizam pela composição de uma cultura eletrônica sustentada por linguagens e gêneros digitais.

Evidencia-se a necessidade da inserção e a integração das mídias ao currículo no âmbito escolar. Neste sentido, é importante destacarmos a formação de novos espaços de interação e as novas formas de ensino e aprendizagem associadas às diversas possibilidades de trabalharmos com as TIC e mídias na sala de aula, pois oportunizam estratégias diversificadas para a incorporação a prática pedagógica.

[...] o domínio instrumental de uma tecnologia, seja ela qual for, é insuficiente para que o professor possa compreender seus modos de produção de forma a incorporá-la à prática. É preciso criar situações de formação contextualizada, nas quais os educadores possam utilizar a tecnologia em atividades que lhes permitam interagir para resolver problemas significativos para sua vida e trabalho, representar pensamentos e sentimentos, reinterpretar representações e reconstruí-las para poder recontextualizar as situações em práticas pedagógicas com os alunos (ALMEIDA, 2007, p. 160).

Para que essas situações sejam criadas é preciso que professores, gestores e coordenadores estejam preparados para as transformações, a fim de vencer as resistências advindas da cultura tradicionalista, muitas vezes caracterizadas pela acomodação pessoal, insegurança, receio de propor atividades interdisciplinares; adquiram conhecimentos sobre as especificidades das TIC, da Internet e sensibilizem-se para as alternativas trazidas pela introdução das TIC e o que estas irão contribuir para a prática pedagógica e à melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem.

Diversos estudos apontaram a necessidade de que as competências sejam desenvolvidas desde a Educação Infantil (ALMENARA, MENEZES e REGAÑA, 2009). Sendo esta o momento de formação do aluno enquanto um sujeito autônomo, crítico e atuante na sociedade, deve favorecer espaços de docência e de aprendizagem nos quais o uso das TIC possa ser não apenas um momento pontual, no qual se "trabalha" com o livro didático impresso, o computador, o rádio ou a TV, mas que as diversas formas de mídias e tecnologias possam realmente ser incorporadas no trabalho pedagógico de todos os professores nas diversas disciplinas do currículo, em todos os níveis da educação, tendo em vista a necessidade de alinhar a prática escolar com os ideais contemporâneos de desenvolvimento humano.

A construção destes espaços de aprendizagem baseados em contextos virtuais devem favorecer a emergência de alternativas metodológicas que se oponham ao método expositivo; deve favorecer o diálogo mais intenso entre alunos-professor e entre aluno-aluno; deve favorecer ainda às relações entre estes atores no sentido de construir conhecimento e não apenas transmitir informações. Mas, para que estes

espaços possam realmente se constituir enquanto terrenos férteis à emergência de novas metodologias de ensino e de construção do conhecimento, alguns itens devem ser considerados.

Na concepção de Nevado (2008), os espaços virtuais de docência, na perspectiva da aprendizagem, implicam presença e articulação de (i) uma concepção definida sobre conhecimento e aprendizagem; (ii) uma proposta metodológica coerente que concretize essa concepção em de ações e interações; e (iii) suporte tecnológico potente e apropriado para apoiar e incrementar as atividades e trocas grupais. Desta forma, é preciso ter claro, o que se pretende alcançar no implemento de tais metodologias, favorecer sempre o diálogo entre os atores nos espaços de aprendizagem e dominar tanto as interfaces nas quais se está trabalhando, quanto a metodologia a partir da qual se está desenvolvendo o trabalho pedagógico. Isto partindo do pressuposto que a escola promove os meios necessários para o desenvolvimento deste tipo de trabalho.

3. Relação professor-aluno a partir da inserção das TIC ao currículo

As mídias e tecnologias dispõem de inúmeros recursos de interação, comunicação e até mesmo de publicação, a partir de interfaces como fóruns, e-mails, chats, blogs, wikis, permitindo que professores e alunos se expressem de diferentes formas entre si.

Para que a escola possa aderir às inovações, principalmente a tecnológica, é necessário que leve em consideração a vida cotidiana do aprendente e daquele que está ensinando, pois cada um traz consigo elementos extrínsecos à realidade da escola, sendo estes relevantes dentro do espaço das relações que se estabelecem no ambiente escolar. No entanto, exige-se atualmente uma prática participativa, dialógica, democrática, coletiva e colaborativa.

O processo de ensino e aprendizagem deve ser desenvolvido por competências e habilidades, em que o professor e o aluno compreendam a sociedade em que estão inseridos. Sociedade esta, que exige um profissional com qualificações excelentes para o exercício de suas funções e que aborda uma interação dialógica mediada no ciberespaço. Ainda que o sujeito ou o indivíduo seja crucial na relação com o saber e a dimensão pessoal não se torne dispensável nesta relação, o fluxo do saber se dá definitivamente a partir de uma comunidade, de uma coletividade no ciberespaço.

O saber-fluxo, o trabalho-transação de conhecimento, as novas tecnologias da inteligência individual e coletiva mudam profundamente os dados do problema da educação e da formação. O que é preciso aprender não pode mais ser planejado nem precisamente definido com antecedência. Os percursos e perfis de competências são todos singulares e podem cada vez menos ser canalizados em programas ou cursos válidos para todos. Devemos construir novos modelos do espaço de conhecimentos. No lugar de uma representação em escalas lineares e paralelas, em pirâmides estruturadas em “níveis”, organizadas pela noção de pré-requisitos e convergindo para saberes “superiores” a partir de agora devemos preferir a imagem dos espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxos, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva. (LÉVY, 2000, p. 158).

A nova maneira de ensinar e aprender ainda é um processo novo para os alunos, que estão acostumados a aulas presenciais, nas quais se vêem, se conhecem e trabalham juntos, e que agora estão diante de discussões, contatos realizados virtualmente por meios de telas. Para a maioria é muito fácil esse tipo de comunicação, para outros não, ou seja, para os jovens sim e para os adultos não.

Diante da velocidade que a informação desloca-se e de um mundo em constantes transformações, o papel do professor vem sendo reformulado. Seja na maneira de ensinar, de conduzir a aprendizagem ou na sua própria formação que hoje se tornou permanentemente necessária. “O papel do professor, tanto na sala de aula tradicional, quanto no ambiente online, é, sem dúvida, o de garantir que algum processo educativo ocorra entre os alunos. [...] No ambiente online o papel do professor torna-se o de um facilitador”. (PALLOFF e PRATT, 2002, p. 102).

Desta forma, o professor, deve mais do que ensinar, mas ao mesmo tempo, articular experiências, mediar e facilitar o processo educativo, a fim de que o aluno reflita sobre suas relações com o mundo e o saber, assumindo, assim o papel ativo no processo de ensino e aprendizagem. “Quando discutimos o papel de facilitador desempenhado pelo professor, afirmamos que ele atua apenas como alguém que gentilmente conduz o processo educativo. A implicação disso é que aquele que recebe sua orientação – o aluno – é responsável por usá-la adequadamente”. (PALLOFF e PRATT, 2002, p. 110)

Desse modo, professores e alunos devem ressaltar a importância da troca de experiências, através de relatos de experiências, aprendendo juntos e refletindo com o outro. Assim, como evidenciado por Palloff e Pratt (2002), quando professores e alunos se envolvem desta maneira com o processo de aprendizagem, estes aprendem a aprender, além de adquirirem a capacidade de pesquisar, questionar, analisar e pensar criticamente.

4. Relação aluno - aluno mediada pelo uso de mídias e TIC

Alunos que se aventuram pelos espaços virtuais, que se comunicam com outros indivíduos em diferentes regiões do mundo rompendo as barreiras lingüísticas, que interagem uns com os outros em jogos de realidade virtual, que com um clique conseguem acessar conteúdos da melhor qualidade em todos os formatos midiáticos possíveis, configuram na visão de Prensky (2001), uma categoria diferente daqueles que nasceram antes do avanço tecnológico ou dos que tiveram de se adaptar à tecnologia, por questões de qualquer natureza. Estes são os Nativos Digitais.

Pedir a estes alunos que silenciem durante um terço do dia, para que "ouçam com atenção" a fala do professor, que reproduz, seja com o quadro e o giz, seja com a lousa futurista, o modelo tradicional de ensino, é uma incongruência. Prensky (2001) aponta que os nativos digitais têm outras necessidades e outras expectativas com relação à escola. Esta deve se constituir enquanto espaço privilegiado de formação e incentivo à criatividade, autoria, de estímulo a metodologias ativas a partir das quais os alunos possam se assumir enquanto sujeitos responsáveis pela construção do conhecimento.

Os alunos que hoje compõem as salas de aula, nasceram em meio à esta emergência de tecnologias e delas fazem uso sem nenhum medo ou inibição. A tecnologia faz parte de seu cotidiano. Faz parte da cultura deles. O debate em torno destas questões é antigo e tem atenuado com o passar do tempo. Cada vez mais as pessoas tem percebido que o computador, assim como foi o rádio, o cinema, e a TV, não são a revolução, a mudança. Eles favorecem a mudança, potencializam as dimensões humanas, mas a verdadeira mudança está no uso que se faz destes recursos, nas práticas.

Diante deste cenário, percebe-se que é a próxima geração, a dos nativos digitais, quem efetivamente integrarão as TIC ao currículo, não só pelo fato de terem nascido meio a ela, dela fazerem uso e de estarem desprovidos do medo de ousar, mas principalmente por estarem desprovidos de preconceitos ou extremismos com relação a elas. Com as interfaces digitais disponíveis, constitui-se não apenas um novo cenário informacional, mas a própria democratização da comunicação. Segundo Rodrigues e Lima (2006, p. 302), "a democratização da comunicação e da educação é uma questão de justiça social e cidadania incluindo o direito humano à informação, à própria comunicação e construção de conhecimento".

De todo modo, é necessário que os nativos digitais, sejam formados numa

perspectiva de ação com base reflexão e na leitura crítica do mundo, especialmente pelo fato desta geração necessitar de uma atenção especial com relação à gestão das TIC. As informações estão disponíveis em grande volume, e volume crescente. Informações de todo o tipo, em todos formatos conhecidos, e também nos que estão sendo criados diariamente.

Ao mesmo tempo que esta facilidade de acesso à informação representa um avanço, representa também um sinal de alerta. Para Lévy (2000, p. 157), assim como a palavra *pharmakon* que em grego, representa ao mesmo tempo remédio e veneno, também assim o é o ciberespaço. Ao mesmo tempo que representa um dos maiores avanços da humanidade, em termos de tecnologia, também representa um perigo mortal se for mal administrado;

o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas: memória (bancos de dados, hiperdocumentos, arquivos digitais de todos os tipos), imaginação (simulações), percepção (sensores digitais, telepresença, realidades virtuais), raciocínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos).

Desta forma, o ciberespaço, potencializa as funções humanas. Se nossos alunos não forem orientados de como lidar com esta potencialidade do ciberespaço, se não forem formados numa perspectiva de gestão das tecnologias, é provável que, em doses exageradas, o ciberespaço venha se constituir num veneno à próxima geração.

É importante que os professores não fechem os olhos para a realidade dos nativos digitais e não os encarem como recepáculos de informação. São os professores, junto com os pais, os responsáveis pela formação das próximas gerações, e tendo em vista que esta estará totalmente imersa na cibercultura, estratégias didáticas de formação com autoria, que promovam a autonomia discente, a criatividade, a reflexão com base na ação e que deve estar atento à urgente necessidade de gestão das TIC.

5. Mídias e Tecnologias no currículo escolar

A comunicação pedagógica é o principal fator contribuinte para a efetivação da integração e socialização de um país, portanto a educação é o principal e fundamental meio de socialização, colaboração e comunicação para o estabelecimento de uma aprendizagem significativa, sistêmica e colaborativa. Desse

modo, a nova conjuntura educacional requer um profissional da educação com vistas a inserir novos instrumentos de mediação didático-pedagógicos, para que levem a transformar às práticas pedagógicas.

Estes instrumentos estão pautados dentro das estratégias metodológicas ativas. Nestas, o professor atua como facilitador da aprendizagem, e o aluno como o principal responsável pela construção do conhecimento. O quadro abaixo apresenta possibilidades didáticas com o uso de diferentes mídias, com base na internet, que podem ser exploradas para fins educacionais.

Linguagem	Interfaces	Estratégias Inovadoras

Quadro 1 - Possibilidades Didáticas com o uso de diferentes mídias

Uma escola pública de ensino básico em Alagoas, traz um exemplo interessante de como favorecer práticas pedagógicas a partir da inserção da mídia rádio e diversos recursos tecnológicos no currículo.

Desde o início do primeiro semestre de 2009, vem sendo desenvolvido nesta escola, o projeto de construção de uma rádio que tem como objetivo, criar espaços de aprendizagem que não estejam restritos aos limites físicos da sala de aula, ampliando a participação dos alunos no contexto escolar, incluindo os jovens em atividades produtivas em horário contrário ao das aulas.

A proposta consiste em que o resultado das produções dos alunos sejam incorporados ao material didático dos professores. Para isto, foi composto um grupo de trabalho inicialmente entre diretores, coordenadores, professores e alunos. Estes discutiram durante dois meses, em reuniões que aconteceram semanalmente no interior da escola, logo após o término das aulas, acerca dos objetivos e das metodologias a serem desenvolvidos no âmbito deste projeto.

Num primeiro momento, este grupo discutiu experiências de uso do rádio desenvolvidas em outras escolas públicas brasileiras e do exterior (BRASIL, 2008; ASSUNPÇÃO, 2001; GONÇALVES e AZEVEDO, 2004; JANE, 2004; SILVA, 2009) para perceber qual seria o modelo de rádio que melhor atenderia aos objetivos do

projeto e que melhor se ajustaria ao orçamento da escola.

Após analisar os modelos de rádio propostos no curso de Mídias na Educação - Ciclo Intermediário (BRASIL, 2008) e ao modelo de Rádio Comunitária (JANE, 2004), o grupo optou pela web-rádio, tendo em vista que esta dispensa os procololos e processos jurídicos que são necessários aos que desejam implementar uma Rádio Comunitária; seu custo é bem menor que de uma Rádio Pátio, sua execução envolve um número bem maior de alunos que uma Rádio Restrita e os programas poderão ser acessados e recuperados por todos aqueles que tiverem interesse. Independente de espaço ou tempo, tendo em vista que os programas estarão no formato de Podcast e assim disponibilizados no site da web-rádio podendo ser acessados a qualquer momento, sincrona, ou assincronamente (HEIDE e STILBORNE, 2000).

Após as reuniões, iniciaram-se o processo de elaboração e composição da programação da Rádio entre gravações de entrevistas, documentários, programação musical, programas de radioteatro, dicas de vestibular e curiosidades, e notícias. Neste momento, os sujeitos envolvidos perceberam a necessidade de incluir este projeto ao currículo escolar.

Como proposta, um dos alunos apresentou a criação do site da web-rádio, realizados os devidos ajustes pelos demais sujeitos envolvidos, foi elaborada a distribuição dos programas de acordo com os horários, conforme o quadro abaixo:

Público Alvo	Horário	Programação Geral					
Público em Geral		Programação Musical variada e músicas produzidas pelos alunos da escola					

	5h	
Público em Geral		Notícias, entrevistas, documentários, músicas compostas pelos alunos da escola, dicas de vestibular, curiosidades
Publico Juvenil/ Adulto		Documentários, dicas de vestibular, curiosidades, músicas produzidas pelos alunos da escola, programação musical variada
Público Infantil/ Adulto		Documentários, dicas de vestibular, curiosidades, músicas produzidas pelos alunos da escola, programação musical variada
Público em Geral		Notícias, entrevistas, documentários, músicas compostas pelos alunos da escola, programação musical variada, dicas de vestibular, curiosidades

Público Infanto/ Juvenil	19h às 20h	Documentários, dicas de vestibular, curiosidades, músicas produzidas pelos alunos da escola, programação musical variada
Público em Geral		Notícias, entrevistas, documentários, músicas compostas pelos alunos da escola, dicas de vestibular e curiosidades

Quadro 2 - Quadro Geral da programação da web-rádio

A distribuição dos blocos foi pensada de acordo com o público que estaria assistindo a programação síncrona da Rádio. No horário da manhã (7h às 12h) os alunos do 1° ao 5° ano do ensino fundamental (1° Ciclo) estão assistindo aula na escola e desta forma, inicialmente não estariam acompanhando os programas da Rádio. Desta forma, a programação está voltada aos interesses do público adulto (pais, funcionários de apoio, professores, alunos do turno noturno) e adolescentes (alunos do 6° ao 9° ano do ensino fundamental - 2° Ciclo; aluno do ensino médio regular do turno vespertino). No horário de 13h às 17h, a programação está voltada para o público adulto e para o público infantil, e no horário de 19h às 22h para o público infantil e adolescente.

Nos horários entre a troca de turnos, foram considerados os horários "nobres" e sobre eles recaíram todo o cuidado e atenção tendo em vista que é exatamente nestes que convergem um maior número de ouvintes. Privilegiamos inicialmente a exibição de dicas de vestibular e curiosidades, notícias, documentários, músicas compostas por alunos da escola e entrevistas nestes horários exatamente por ser este o momento em que uma maior quantidade de ouvidos estarão direcionados à programação.

De acordo com cada dia da semana, o conteúdo dos programas seria alternado inclusive a programação musical. **Todo o conteúdo veiculado na rádio é resultado das produções dos alunos.** O professor de Literatura, poderia solicitar de seus alunos que formassem grupos e que compusessem um jogral para recitar um determinado poema e que usassem sua criatividade para os efeitos sonoros. O

resultado destas gravações seria veiculado em um determinado dia, mesclado às outras produções.

O professor de Física, poderia solicitar de seus alunos que formassem grupos e que compusessem alguma paródia musical tendo como pano de fundo algum conteúdo da Física, e que eles gravassem esta paródia e a publicassem na web-rádio. Os resultados destas gravações poderia ser socializado na web-rádio. Tais iniciativas valorizam o trabalho dos alunos e o material produzido pode vir a ser utilizado por outros alunos e até mesmo pelos próprios professores em suas aulas. Os pais também poderiam acompanhar as produções dos alunos via web-rádio

A atividade proporcionou um ambiente favorável ao desenvolvimento social e cognitivo dos alunos, através do trabalho colaborativo no desenvolvimento dos podcast; estimulou a participação e a presença dos alunos em horário integral dentro da escola, produzindo e reproduzindo informações, criando conhecimento e desenvolvendo habilidades profissionais no campo das TIC e da radiodifusão; criou um ambiente no qual os alunos podem se expressar e divulgar de forma aberta eventos, cursos, palestras, produções culturais, músicas criadas por eles ou editadas, ou reproduzidas.

6. Considerações Finais

Para que a escola possa se constituir enquanto *lócus* de formação do cidadão para atuar na sociedade contemporânea, esta deve não apenas favorecer o diálogo e a interação, mas também - e principalmente - a **produção** a partir dos espaços de aprendizagem. "**aos alunos é disponibilizado o acesso às informações, mas raramente à produção das mesmas**" (OLIVEIRA e CASTILHO, 2009, p. 268), e o fazer na ação se constitui enquanto peça chave para a construção do conhecimento.

Quando a escola começar a trabalhar nesta perspectiva, de produção, de uso eficaz dos espaços de aprendizagem e das interfaces da internet, faz-se necessário também que nos cursos de formação inicial e continuada de professores, estas metodologias sejam discutidas, analisadas e implementadas. Ou seja, desde a formação inicial de professores e para além dela, deve-se trabalhar o emprego de metodologias que favorecem exatamente a autoria dos alunos e a formação de sujeitos autores na prática!

Tal modelo, rompe definitivamente com o paradigma da transmissão; porém, imaginar que simplesmente colocar alunos diante do computador com acesso a tais

interfaces online vai fazê-los aprender os conteúdos e desenvolver as competências exigidas, e assim terão desenvolvido as habilidades necessárias à constituição do cidadão crítico e atuante, é exatamente recair no mesmo equívoco tecnicista da década de 60.

7. Referências

ALMEIDA, Maria Elizabeth B. Integração de tecnologias à educação: novas formas de expressão do pensamento, produção escrita e leitura. In: VALENTE, José A.; ALMEIDA, Maria E. (orgs). **Formação de educadores a distância e integração de mídias**. São Paulo: Avercamp, 2007.

ALMENARA, Julio C.; MENESES, Elóy L.; REGAÑA, Cristóbal B. Experiencias universitarias inovadoras con blogs para la mejora de la praxis educativa en el contexto europeo. Universidade Oberta de Catalunya: **Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento (RUSC)**. Vol. 6 n° 2, 2009, p. 1-11.

ASSUNPÇÃO, Zeneida A. **A rádio na escola: uma prática educativa eficaz**. Disponível em: <http://www.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/aradioescola-N2-2001.pdf> Acesso em 15 out 2009.

BRASIL. **Conteúdo do Módulo do Rádio** - Curso de Formação Continuada em Mídias na Educação - Ciclo Intermediário 2a oferta. Brasília: SEED, 2008.

HEIDE, Ann; STILBORNE, Linda. **Guia do professor para a internet completo e fácil**. 2a ed. Porto Alegre Artes Medicas Sul, 2000.

GONÇALVES, Elizabeth Moraes; AZEVEDO, Adriana Barroso. **O Rádio na escola como instrumento de cidadania: uma análise do discurso da criança envolvida no processo**. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/alaic/boletim21/elizabeth.htm> Acesso em 15 out 2009.

JANE, Tomáz José. **O papel das rádios comunitárias na educação e mobilização das populações para os programas de desenvolvimento local em Moçambique**. Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/anuariolusofono/article/viewPDFInterstitial/1164/910> Acesso em 15 set 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.

NEVADO, Rosane Aragón. Espaços virtuais de docência: metamorfoses no currículo e na prática pedagógica. In. BOMN, Iara; TRAVESIM, Clarice; EGGERT, Edla; PERES, Eliana (orgs.). **Trajetórias e processos de ensinar e aprender: políticas e tecnologias**. Porto Alegre: Edipucrs, 2008. XIV Endipe, Livro 4.

OLIVEIRA, Sirlene de Castro; CASTILHO, Telma Maria dos Santos. As tecnologias da informação e comunicação. **Educação e Filosofia**. Uberlândia, v. 23, n. 45, p. 259-276, jan/jun. 2009.

PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço**: estratégias eficientes para salas de aula on-line. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PRENSKY, M. **Digital natives, digital immigrants**. Disponível em: www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf Acesso em 04 fev 2009.

RODRIGUES, Cleide A.; LIMA, Daniela C. Avaliação online: interfaces do aprender e o ensinar. In. SILVA, Marco; SANTOS, Edméa. **Avaliação da aprendizagem em educação online**: fundamentos, interfaces e dispositivos, relatos de experiências. (orgs). São Paulo: Loyola. 2006.

SILVA, Ivanderson P. **Projeto de rádio na escola**: primeiras ações. Disponível em: <http://www.cedu.ufal.br/evento/epeal2009/> Acesso em 30 out 2009.